

# ORIBEL

CULTURA & INFORMAÇÃO

## Orfãos do Feminicídio

QUANDO A  
VIOLÊNCIA NÃO  
TERMINA NA MORTE

Março

20

26



# CARTA AO *Leitor*



Suellen Cicotti  
Históriadora, Jornalista,  
Escritora e Filantropa.  
Fundadora da Oribel  
ONG.

Caro leitor,

É com grande satisfação que lhe apresentamos a nossa revista gratuita **ORIBEL Cultura e Informação**, um espaço dedicado à cultura, arte, curiosidades, informação e atualidades. Nosso objetivo é estimular a leitura tornando o conhecimento acessível a todos. Acreditamos ser um direito de todos, e é com essa visão que trazemos conteúdos variados e interessantes para você.

Queremos inspirar você a explorar novos horizontes culturais e a apreciar as diferentes manifestações artísticas que enriquecem nossa vida.

Aqui, você encontrará fatos intrigantes, histórias surpreendentes e informações úteis para o seu dia a dia. Queremos despertar a sua curiosidade e incentivá-lo a aprender sempre mais.

Acompanhar as notícias nem sempre é fácil, especialmente quando os termos técnicos e políticos parecem complicados.

Por isso, nossa revista traduz as notícias da atualidade para uma linguagem mais simples, para que todos possam entender e se manter informados.

Nossa equipe trabalha com dedicação para trazer conteúdo relevante e confiável.

Gostaríamos de ser uma fonte de informação que você possa consultar com tranquilidade, sabendo que estamos comprometidos com a qualidade e a veracidade dos fatos.

Queremos que você se apaixone pelas palavras e descubra o prazer de ler.

Agradecemos por nos acompanhar e esperamos que nossa revista seja uma companhia agradável em seus momentos de leitura. Se tiver sugestões, críticas ou histórias para compartilhar, não hesite em nos escrever. Estamos aqui para você!

Com carinho,

*Suellen Cicotti*

## EDITORIAL



Associação Oribel  
Fundada em 2023  
Editora : Suellen Cicotti  
CNPJ :52.153.951/0001-02



**Diretora de Redação :**  
Suellen Cicotti **Editores**  
Diego Anástacio e Camila  
Guerrera. **Designers:** Otto  
Carvalho.

**Colaboração:** Suellen  
Cicotti (texto), Rafael  
Amadeu (texto) Diego  
Anastacio (texto)  
Makysiel dos Santos (texto  
e imagens)

**Redação e correspondência:**  
Rua Prof Ciridiao Buarque  
75,Bloco 1 sl 73A  
Vila Anglo Brasileira  
São Paulo-SP  
05028-000

**Contato e informações :**  
contato@oribel.org.br  
(21) 9 7286-0452

# SUMÁRIO

<b>Orfãos do Femicídio</b>	<b>04</b>
<b>Nome sujo sem motivo: como resolver a negativação indevida e evitar prejuízos</b>	<b>08</b>
<b>Entendendo a guerra no Irã e por que o combustível está caro no Brasil</b>	<b>13</b>
<b>Crise climática nas periferias: quem paga primeiro essa conta?</b>	<b>16</b>
<b>Inteligência artificial e empregos: avanço ou exclusão?</b>	<b>19</b>
<b>Educação pública vs. realidade: onde falta estrutura, sobra resistência</b>	<b>21</b>
<b>Jovens sem perspectiva: quando o futuro parece distante</b>	<b>24</b>
<b>Endividamento das famílias: o peso invisível no dia a dia</b>	<b>26</b>
<b>Transporte público: caro, lotado e precário – o desgaste antes da jornada</b>	<b>28</b>
<b>Empreender por necessidade: quando o sonho vira sobrevivência</b>	<b>31</b>

Realização:





# Orfãos do Feminicídio

**Quando a violência não  
termina na morte**

Falar sobre feminicídio ainda é, na maioria das vezes, falar sobre números, casos policiais e manchetes que chocam por alguns dias. Mas a verdade é mais dura e mais silenciosa. O feminicídio não termina no momento do crime. Ele continua vivo na história de quem fica.

E quem fica, quase sempre, são os filhos.

Quando uma mulher é assassinada, não é apenas uma vida interrompida. É uma estrutura inteira que desmorona. É uma infância que se quebra. É um futuro que se torna incerto.

Crianças que perdem a mãe de forma violenta não perdem apenas o cuidado. Elas perdem o chão emocional. Muitas vezes, perdem também o pai, que é o autor do crime. De uma só vez, essas crianças são lançadas em um vazio afetivo, social e psicológico.

E o mais cruel é que, em muitos casos, elas ficam invisíveis.

**A infância atravessada pela violência**

O impacto do feminicídio na vida dos filhos é profundo e duradouro. Não se trata apenas de uma perda. Trata-se de trauma.

EDIÇÃO MARÇO 2026

**Crianças que vivenciam ou testemunham violência doméstica crescem sob constante estado de alerta. O medo, a insegurança e a ansiedade passam a fazer parte do cotidiano antes mesmo que elas entendam o que está acontecendo.**

**Essas experiências podem gerar:**

**Dificuldades de aprendizagem  
Problemas de comportamento  
Baixa autoestima  
Depressão e ansiedade  
Dificuldade de construir relações saudáveis**

**Mais do que isso, muitas dessas crianças aprendem, ainda que inconscientemente, que a violência é uma forma de relação.**

**E esse é um dos ciclos mais perigosos.**

**Quando a violência se repete**

**Meninos que crescem em ambientes violentos podem internalizar padrões de agressividade como forma de poder ou controle. Meninas podem naturalizar relações abusivas, acreditando que amor e dor caminham juntos.**

**Não é destino. Mas é risco.**

**Sem apoio psicológico, acolhimento e políticas públicas efetivas, o trauma não tratado se transforma em repetição. A violência que destruiu uma família pode se reproduzir na próxima geração.**

**E assim, o feminicídio deixa de ser um ponto final e passa a ser uma linha contínua.**

**EDIÇÃO MARÇO DE 2026**



As mulheres que sobrevivem são também uma outra face dessa realidade que precisa ser olhada com urgência.

Muitas mães vivem anos em relacionamentos abusivos tentando proteger seus filhos. Elas carregam o peso do medo, da culpa e da tentativa constante de manter alguma estabilidade dentro do caos.

A violência deixa marcas. Mesmo quando conseguem sair, essas mulheres enfrentam:

**Dificuldade financeira**

**Falta de rede de apoio**

**Medo constante**

**Desgaste emocional extremo**

**Desafios na criação dos filhos marcados pelo trauma**

E, muitas vezes, precisam lidar com algo ainda mais doloroso: ver seus filhos reproduzindo comportamentos agressivos ou sofrendo profundamente com as marcas invisíveis da violência.

É uma reconstrução diária, exaustiva e solitária.

O silêncio que precisa ser quebrado e o debate sobre feminicídio precisa avançar. Não basta falar sobre o crime. É preciso falar sobre as consequências.

Quem cuida dessas crianças ?

Quem acolhe essas famílias ?

Quem garante suporte psicológico ?

Quem oferece condições reais de recomeço ?

Não se trata apenas de justiça penal. Trata-se de justiça social.

Cada mulher que morre deixa uma rede de dor que se espalha. Cada criança impactada carrega uma história que pode ser transformada ou abandonada.

Romper esse ciclo exige ação coletiva. Investimento em políticas públicas de proteção à mulher



**Acompanhamento psicológico para crianças e adolescentes**

**Fortalecimento de redes comunitárias**

**Educação emocional nas escolas**

**Acolhimento real para mulheres sobreviventes**

**Mas, acima de tudo, exige mudança de consciência.**

**Porque a violência contra a mulher não é um problema individual. É um problema estrutural.**

**Uma responsabilidade de todos nós**

**Feminicídio não é apenas sobre quem morreu.**

**É sobre quem continua vivendo com as consequências.**

**É sobre filhos que crescem com ausência, dor e perguntas sem resposta.**

**É sobre mães que sobrevivem tentando reconstruir o que foi destruído.**

**É sobre uma sociedade que ainda falha em proteger, acolher e transformar.**

**Falar sobre isso é necessário ! Agir sobre isso é urgente !**

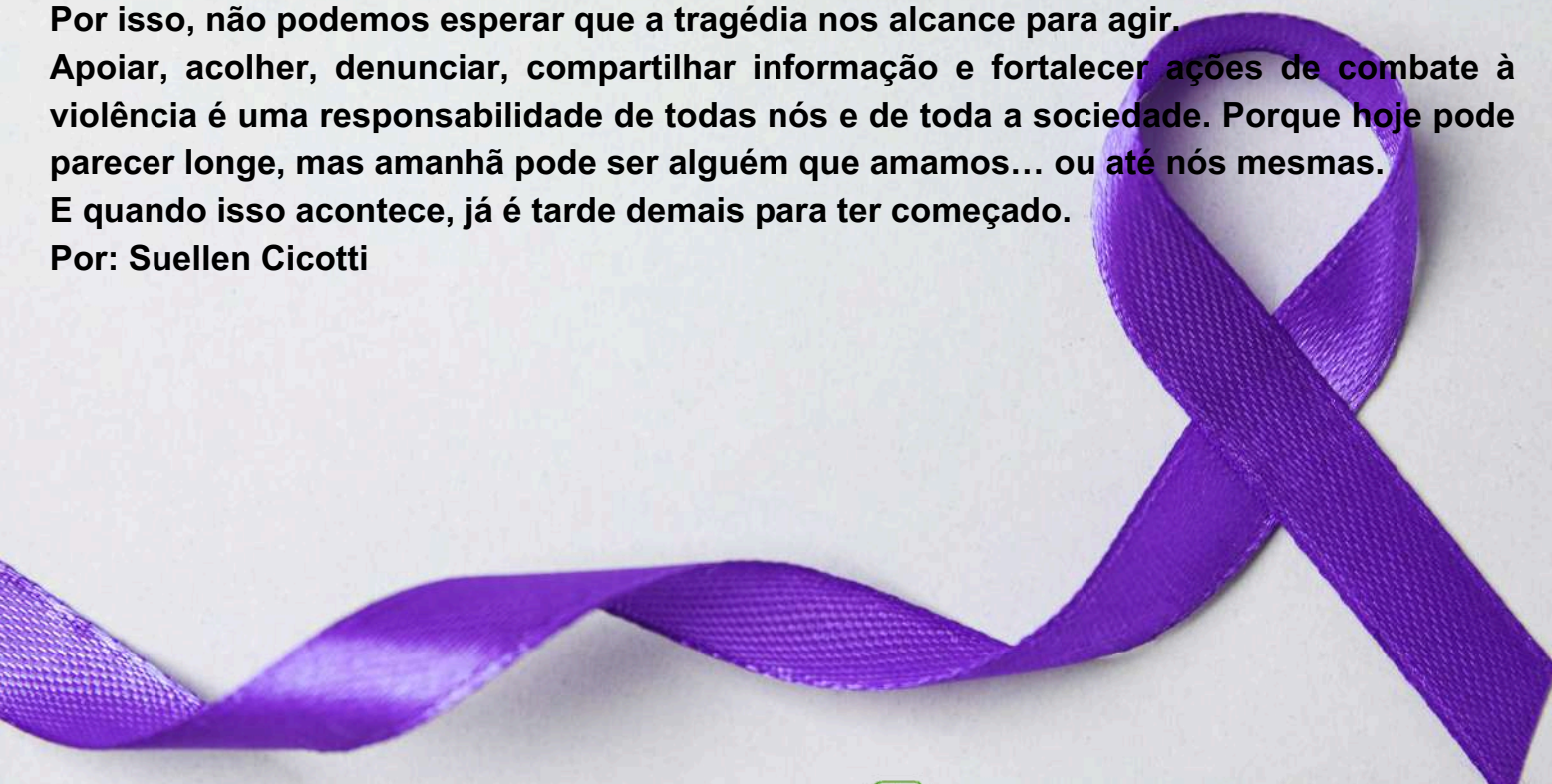
**Como mulher e mãe, eu não preciso viver essa dor para entender que ela também me atravessa. A violência contra uma mulher nunca é um problema distante, é uma realidade que pode bater em qualquer porta, inclusive na minha ou na sua.**

**Por isso, não podemos esperar que a tragédia nos alcance para agir.**

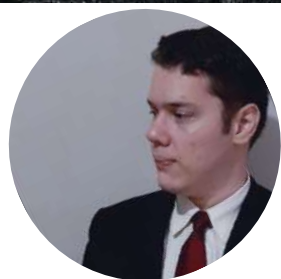
**Apoiar, acolher, denunciar, compartilhar informação e fortalecer ações de combate à violência é uma responsabilidade de todas nós e de toda a sociedade. Porque hoje pode parecer longe, mas amanhã pode ser alguém que amamos... ou até nós mesmas.**

**E quando isso acontece, já é tarde demais para ter começado.**

**Por: Suellen Cicotti**



*Nome sujo  
sem motivo:  
como resolver  
a negativação  
indevida e  
evitar  
prejuízos*



Rafael Amadeu  
Advogado  
@adv..ramadeu

**Ter o nome negativado já é, por si só, uma situação desconfortável.**

**Agora imagine descobrir que isso aconteceu sem que você tenha feito qualquer dívida, ou até mesmo depois de já ter quitado o valor.**

**Esse tipo de erro, conhecido como negativação indevida, é mais comum do que se imagina e pode causar prejuízos que vão muito além da vida financeira.**

**Em um país onde milhões de pessoas convivem com restrições no CPF, cresce também o número de consumidores que são incluídos injustamente em cadastros de inadimplentes, muitas vezes sem qualquer aviso prévio.**

A negativação indevida acontece quando o nome de um consumidor é inserido em órgãos de proteção ao crédito de forma incorreta, seja por falha da empresa, erro de sistema ou cobrança irregular. Na prática, isso significa que a pessoa passa a ser tratada como inadimplente sem realmente ser. Embora a lei permita que empresas registrem dívidas em casos legítimos, existem regras que precisam ser respeitadas, como a obrigatoriedade de notificação antes da inclusão do nome. Quando esse procedimento não é seguido, a negativação deixa de ser válida e passa a ser considerada abusiva.

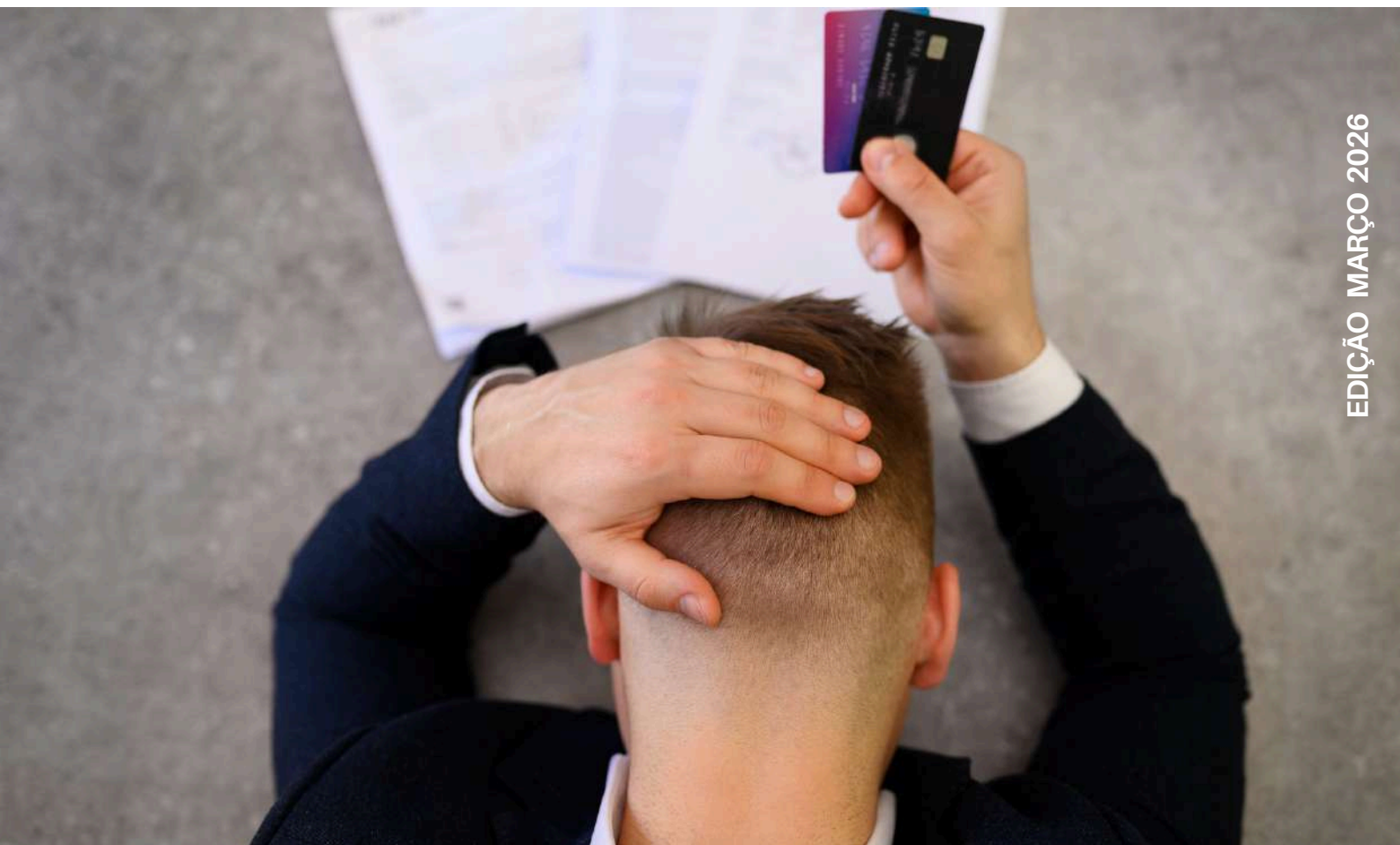
Esse tipo de problema geralmente não acontece por acaso, mas como consequência de falhas que poderiam ser evitadas. É comum que consumidores sejam negativados por dívidas já pagas, que não foram corretamente registradas pelos sistemas das empresas. Também há situações em que o nome é incluído por serviços que nunca foram contratados, muitas vezes por erro de cadastro ou confusão de dados entre pessoas com informações semelhantes. Casos de fraude também são frequentes, quando terceiros utilizam documentos ou dados pessoais para realizar compras ou empréstimos.

Além disso, há registros feitos com base em dívidas antigas, que já ultrapassaram o prazo legal de cinco anos e não poderiam mais gerar negativação. Em outros casos, o problema ocorre simplesmente porque o consumidor não foi avisado previamente sobre a cobrança, o que torna todo o processo irregular.

As consequências da negativação indevida podem ser profundas e imediatas. Do ponto de vista financeiro, o consumidor passa a enfrentar dificuldades para conseguir crédito, financiar bens ou até realizar compras parceladas.

Situações comuns do dia a dia, como alugar um imóvel, também podem se tornar mais complicadas. No entanto, os prejuízos não se limitam ao aspecto econômico. Há um impacto direto na imagem e na credibilidade da pessoa, que passa a ser vista como inadimplente sem justificativa.

Isso pode gerar constrangimento, insegurança e sensação de injustiça, especialmente quando a descoberta acontece em momentos de necessidade, como na tentativa de obter um crédito urgente.



Diante desse cenário, acompanhar a situação do CPF deixa de ser apenas uma recomendação e passa a ser uma necessidade. Atualmente, é possível verificar gratuitamente a existência de restrições em plataformas como Serasa e SPC, que permitem ao consumidor consultar suas informações após um cadastro simples.

Esse acompanhamento regular é importante porque, em muitos casos, a pessoa só descobre que está negativada quando tenta realizar uma compra ou contratar um serviço.

Monitorar esses dados com frequência permite identificar rapidamente qualquer irregularidade e agir antes que o problema se agrave, evitando prejuízos maiores.



### **O que fazer ao descobrir a negativação indevida**

Descobrir que o nome foi negativado sem motivo exige uma reação rápida, mas, acima de tudo, estratégica.

Mais do que agir por impulso, o consumidor precisa organizar informações e seguir um caminho que aumente as chances de resolver o problema de forma eficaz.

O primeiro passo é procurar a empresa responsável pela negativação e questionar formalmente a cobrança.

Em muitos casos, o erro é reconhecido nesse momento e a retirada do nome pode ser solicitada diretamente.

Ainda assim, é fundamental registrar esse contato, guardar protocolos, e-mails e qualquer tipo de comunicação que comprove a tentativa de solução.

Caso a situação não seja resolvida, o consumidor deve reunir todos os documentos que comprovem a irregularidade. Comprovantes de pagamento, contratos, registros de atendimento, mensagens e qualquer outro material que demonstre o erro são essenciais.

Em situações de fraude, o boletim de ocorrência também passa a ser uma peça importante para fortalecer a defesa.

Com essas provas em mãos, é possível buscar apoio em órgãos de defesa do consumidor, como o Procon, que atuam na mediação do conflito e podem pressionar a empresa a corrigir a falha. No entanto, quando não há solução administrativa ou quando os prejuízos são maiores, o consumidor pode optar por ingressar diretamente com uma ação judicial.

Nesse caso, a reunião de provas deixa de ser apenas recomendada e passa a ser indispensável. Documentos que comprovem a negativação indevida, tentativas de resolução e a inexistência da dívida são o que sustentam o pedido na Justiça. Além da retirada do nome dos cadastros de inadimplentes, também é possível pleitear indenização pelos danos sofridos, já que a negativação indevida afeta a reputação e a credibilidade do consumidor.

Diante desse cenário, agir com rapidez é importante, mas agir com organização é decisivo. Quanto mais bem documentado estiver o caso, maiores são as chances de resolver o problema de forma rápida, seja pela via administrativa ou judicial.

## Quais são os direitos do consumidor?

Quando o nome é negativado de forma indevida, o consumidor tem direitos garantidos por lei, e isso inclui não apenas a correção do erro, mas também a possibilidade de reparação.

A legislação brasileira assegura que ninguém pode ser incluído em cadastros de inadimplentes sem notificação prévia, além de garantir o acesso às informações registradas e a correção imediata de dados incorretos.

Na prática, isso significa que, uma vez comprovada a irregularidade, a empresa responsável deve retirar o nome do consumidor dos órgãos de proteção ao crédito sem custos e com a maior rapidez possível.

A responsabilidade pelo erro é da própria empresa, mesmo quando a falha decorre de problemas internos ou operacionais.

Além da correção, a negativação indevida pode gerar direito à indenização. Isso porque o impacto não é apenas financeiro: a inclusão injusta afeta a reputação, a credibilidade e pode causar constrangimentos.

Por esse motivo, a Justiça costuma reconhecer esse tipo de situação como dano moral, mesmo sem a necessidade de comprovar prejuízos concretos.

Ainda assim, cada caso deve ser analisado individualmente. Situações em que o consumidor já possui outras restrições legítimas podem influenciar o entendimento judicial sobre a existência ou não de dano indenizável. Por isso, embora o direito à reparação seja comum nesses casos, ele depende do contexto e das provas apresentadas.

Entender os prazos legais é parte fundamental para lidar com a negativação indevida e também para evitar que o problema se repita.

Pela legislação brasileira, uma dívida não pode manter o nome do consumidor negativado por mais de cinco anos. Após esse período, mesmo que o débito ainda exista, ele não pode mais ser utilizado para restringir o crédito.



Além disso, há também um limite de tempo para buscar reparação na Justiça. Em geral, o consumidor tem até cinco anos, a partir do momento em que toma conhecimento da negativação indevida, para ingressar com uma ação de indenização. Esse detalhe é importante porque muitas pessoas demoram a agir e acabam perdendo a oportunidade de buscar seus direitos de forma plena.

Mais do que conhecer prazos, é essencial adotar uma postura preventiva. Acompanhar regularmente a situação do CPF, manter dados atualizados e guardar comprovantes de pagamento são medidas simples que reduzem significativamente os riscos. Em um cenário em que falhas sistêmicas e fraudes são cada vez mais comuns, o monitoramento constante deixa de ser um cuidado eventual e passa a ser parte da rotina financeira.

Ignorar sinais ou adiar a verificação pode ampliar os prejuízos e dificultar a resolução do problema. Quanto mais cedo uma irregularidade é identificada, maiores são as chances de corrigi-la rapidamente.

A negativação indevida é mais do que um erro burocrático é uma falha que impacta diretamente a vida financeira e a credibilidade do consumidor. Apesar disso, trata-se de uma situação que pode ser revertida quando há informação e ação adequada.

Buscar a origem do problema, reunir provas e utilizar os canais corretos são passos que colocam o consumidor em posição de defesa. Quando necessário, a via judicial também se apresenta como um caminho legítimo para garantir não apenas a retirada do nome dos cadastros restritivos, mas também a reparação pelos danos sofridos.

Em um contexto cada vez mais digital, em que dados circulam com rapidez e nem sempre com segurança, acompanhar a própria situação financeira se torna indispensável. Diante de uma negativação injusta, agir rápido, e com estratégia, é o que separa um transtorno prolongado de um problema resolvido.





## *Entendendo a guerra no Irã*

E POR QUE O COMBUSTÍVEL  
ESTÁ CARO NO BRASIL

A guerra no Irã, ou mais precisamente as tensões envolvendo o país e outras potências no Oriente Médio, não é um conflito isolado. Ela mexe diretamente com a economia mundial e, conseqüentemente, com o bolso de quem está aqui no Brasil abastecendo o carro ou comprando gás de cozinha.

Para entender por que isso acontece, é preciso olhar para três pontos principais: o papel do Oriente Médio no petróleo global, o funcionamento do mercado internacional e a realidade da produção no Brasil.

### **O papel do Irã no petróleo mundial**

O Irã está localizado em uma das regiões mais estratégicas do planeta quando o assunto é energia.

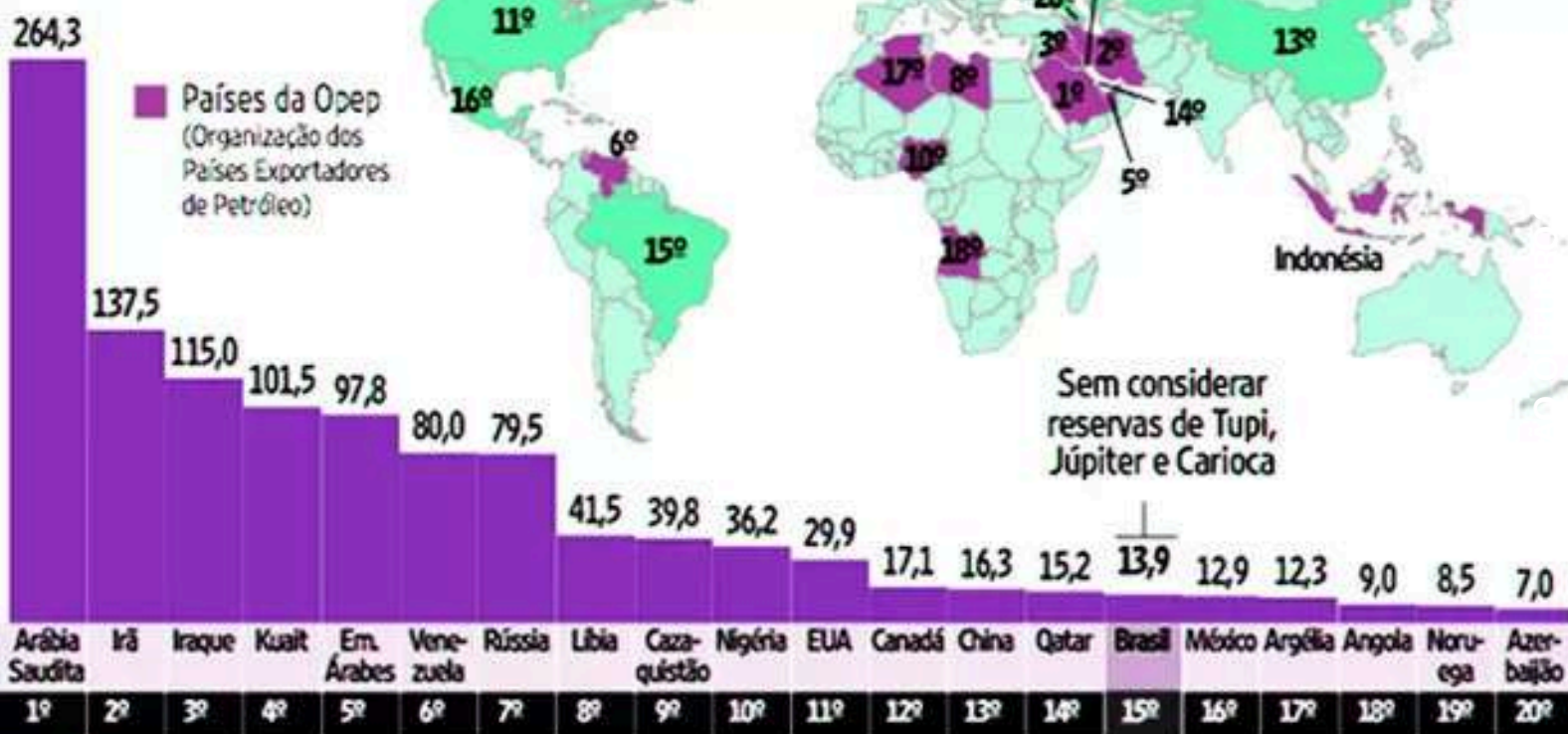
O Oriente Médio concentra uma das maiores reservas de petróleo do mundo. Além disso, existe um ponto crucial chamado Estreito de Hormuz, por onde passa uma grande parte do petróleo exportado globalmente.

Quando há conflitos ou ameaças de guerra nessa região, o mercado reage imediatamente. O medo de interrupção no fornecimento faz o preço do petróleo subir no mundo inteiro. E isso acontece mesmo que o conflito ainda não tenha afetado diretamente a produção.



# MAIORES RESERVAS DE PETRÓLEO

Em bilhões de barris



Fonte: Petrobras

## Por que o preço sobe mesmo longe da guerra?

O petróleo é uma commodity global. Isso significa que seu preço é definido no mercado internacional, não apenas dentro de um país. Mesmo que o Brasil não esteja em guerra, ele compra e vende petróleo com base nesses valores globais.

Quando o preço do barril sobe lá fora, tudo encarece aqui dentro. Isso acontece porque:

- O combustível segue o preço internacional
- O dólar influencia diretamente o valor final
- Empresas ajustam preços para acompanhar o mercado global

Ou seja, não importa se a guerra está longe geograficamente. Economicamente, ela está muito próxima.

## Mas o Brasil não produz petróleo?

Sim, o Brasil produz petróleo, inclusive em grande quantidade, principalmente na camada do pré-sal. Porém, existe um detalhe importante que muitas pessoas não sabem: produzir petróleo não é o mesmo que ter combustível barato.

O petróleo bruto precisa ser refinado para se transformar em gasolina, diesel e outros derivados. E é aí que entra o problema.

## O gargalo das refinarias

O Brasil ainda não tem capacidade suficiente para refinar todo o petróleo que produz. Isso significa que:

- Parte do petróleo brasileiro é exportada
- Parte do combustível refinado é importada

Ou seja, mesmo produzindo petróleo, o país depende do mercado internacional para ter gasolina e diesel prontos para uso.

Quando o preço sobe lá fora, o Brasil acaba pagando mais caro para importar esses derivados.



### Por que a gasolina e o diesel estão caros?

A alta dos combustíveis no Brasil é resultado de uma combinação de fatores:

#### Preço internacional do petróleo

Conflitos como o do Irã elevam o valor global do barril.

Dólar alto

Como o petróleo é negociado em dólar, qualquer valorização da moeda americana encarece tudo.

#### Política de preços

Empresas como a Petrobras ajustam os valores com base no mercado internacional para evitar prejuízos.

#### Impostos e logística

Tributos e custos de transporte também influenciam o preço final.

#### Dependência de importação

Mesmo sendo produtor, o Brasil ainda compra combustível de fora.

E o diesel?

O diesel sofre ainda mais impacto porque o Brasil depende mais da importação desse tipo de combustível. Ele é essencial para transporte de alimentos, produtos e serviços. Quando o diesel sobe:

- O frete fica mais caro
- Os alimentos encarecem
- O custo de vida aumenta

Ou seja, o impacto vai muito além do posto de gasolina.

A guerra no Irã não afeta apenas a região do conflito. Ela gera instabilidade em uma área-chave para o fornecimento de energia do mundo.

Como o petróleo é uma base da economia global, qualquer tensão ali se transforma em aumento de preços em vários países, incluindo o Brasil.

Mesmo sendo um produtor de petróleo, o Brasil ainda enfrenta desafios estruturais, como a dependência de refinarias e a influência do mercado internacional. Por isso, o preço do combustível aqui dentro não depende apenas do que o país produz, mas de tudo o que acontece lá fora.

No fim das contas, o tanque cheio reflete muito mais do que o consumo local. Ele conta uma história global de conflitos, economia e dependência energética.





## Crise climática nas periferias: quem paga primeiro essa conta?

EDIÇÃO MARÇO 2026

**Crise climática não é só sobre o planeta, é sobre quem mais sofre primeiro.**

Quando se fala em mudanças climáticas, muita gente imagina geleiras derretendo, ursos polares ou florestas distantes. Mas a realidade mais dura está bem mais perto, dentro das periferias, onde o impacto não é futuro, é agora.

A crise climática tem endereço, tem cor e tem classe social.

**Enchentes: quando a chuva vira tragédia**

Nas periferias, a chuva não é só chuva. Ela vira medo, perda e recomeço forçado.

Casas construídas em áreas de risco, falta de drenagem adequada, rios poluídos e canalizações precárias fazem com que qualquer temporal se transforme em desastre. Enquanto alguns veem a chuva pela janela, outros veem a água invadindo a sala, levando móveis, documentos e histórias de vida.

E depois da enchente, vem o silêncio do abandono.

Pouco apoio, pouca assistência e uma reconstrução que quase sempre depende da própria comunidade.



## Calor extremo: o sofrimento invisível

O calor nas periferias é diferente.

Telhados de zinco, falta de áreas verdes, pouca ventilação e alta densidade de moradias transformam as casas em verdadeiros fornos.

Enquanto bairros mais ricos contam com árvores, sombra e até ar-condicionado, nas periferias o calor vira um problema de saúde.

Crianças, idosos e trabalhadores sofrem com:

- Desidratação
- Queda de pressão
- Cansaço extremo
- Problemas respiratórios

E o pior: isso ainda é pouco discutido.

A crise climática não cria sozinha o problema, ela escancara o que já estava errado.

Falta de saneamento básico, ausência de planejamento urbano, coleta de lixo irregular e ocupações sem suporte do poder público tornam as periferias muito mais vulneráveis.

Ou seja, não é só o clima.

É a desigualdade !

Quando a chuva aumenta, quem não tem drenagem sofre.

Quando o calor sobe, quem não tem estrutura adoece.

Quando a crise chega, quem já estava à margem é o primeiro a cair.



EDIÇÃO MARÇO 2026



## Justiça climática: o que ninguém está falando o suficiente

Existe um conceito importante chamado justiça climática. Ele fala exatamente sobre isso: os impactos das mudanças climáticas não são iguais para todos.

Quem menos contribui para o problema, geralmente é quem mais sofre.

Comunidades periféricas, populações negras, famílias de baixa renda, são essas pessoas que enfrentam as consequências mais duras, sem ter os mesmos recursos para se proteger.



Mesmo diante de tudo isso, as periferias também são espaços de resistência, criatividade e solução.

Projetos de hortas comunitárias, educação ambiental, reaproveitamento de água, redes de apoio e coletivos locais mostram que a mudança também nasce de baixo para cima.



**A periferia não é só vítima. É também protagonista.**

**Falar de crise climática sem falar de desigualdade é contar só metade da história.**

O planeta está em risco, sim. Mas existem pessoas que estão em risco primeiro.



E enquanto o debate não incluir as periferias, as soluções continuarão sendo incompletas. Porque no fim das contas, a pergunta não é só como salvar o planeta.

É quem estamos deixando para trás enquanto tentamos salvá-lo?

## Inteligência artificial e empregos: avanço ou exclusão?

**“A tecnologia está avançando... mas quem está ficando para trás?”**

**A inteligência artificial deixou de ser coisa de filme e virou realidade no nosso dia a dia. Ela escreve textos, cria imagens, responde clientes, analisa dados e até toma decisões. E junto com esse avanço, vem uma pergunta que muita gente tem medo de fazer: os empregos estão acabando?**

**A resposta não é tão simples. A inteligência artificial não está apenas tirando empregos. Ela está transformando tudo.**

**Muitas profissões já estão sendo impactadas.**

**Atividades repetitivas, operacionais e previsíveis são as primeiras a serem automatizadas. Atendimento básico, digitação, análise simples de dados, até algumas funções criativas já estão sendo substituídas ou reduzidas.**

**Porque para quem depende daquele trabalho, não é só uma mudança tecnológica. É uma questão de sobrevivência.**

Ao mesmo tempo, a inteligência artificial está criando novas profissões e novas formas de ganhar dinheiro.

Hoje surgem oportunidades como:

- Criadores de conteúdo com apoio de IA
- Profissionais de automação
- Especialistas em dados
- Roteiristas, designers e músicos que usam IA como ferramenta
- Empreendedores digitais

A tecnologia não elimina o humano. Ela muda o jeito de trabalhar.

Quem aprende a usar a IA como aliada sai na frente.

### **O grande problema: desigualdade digital**

Aqui está o ponto que pouca gente fala com profundidade.

Nem todo mundo tem acesso à tecnologia.

Enquanto alguns têm internet rápida, cursos, tempo para estudar e equipamentos de qualidade, outros ainda lutam pelo básico.

Falta acesso, falta formação e, muitas vezes, falta até informação de que essas oportunidades existem.

E isso cria um abismo ainda maior.

A inteligência artificial pode aumentar a desigualdade se não houver inclusão.

Porque quem tem acesso evolui mais rápido.

E quem não tem, fica cada vez mais para trás.

## A realidade das periferias

Nas periferias, esse impacto é ainda mais forte. Muitas pessoas:

- Não têm acesso a cursos de tecnologia
- Não têm computador ou internet de qualidade
- Precisam trabalhar desde cedo, sem tempo para se adaptar
- Não são incluídas nas conversas sobre inovação

Ou seja, enquanto o mundo avança, uma parte da população nem foi convidada para a corrida.

## O que precisa mudar

Não basta falar de inovação sem falar de inclusão.

É necessário:

- Democratizar o acesso à tecnologia
- Levar formação digital para as periferias
- Criar políticas públicas de inclusão tecnológica
- Incentivar projetos sociais que ensinem novas habilidades

Porque o futuro do trabalho não pode ser privilégio de poucos.

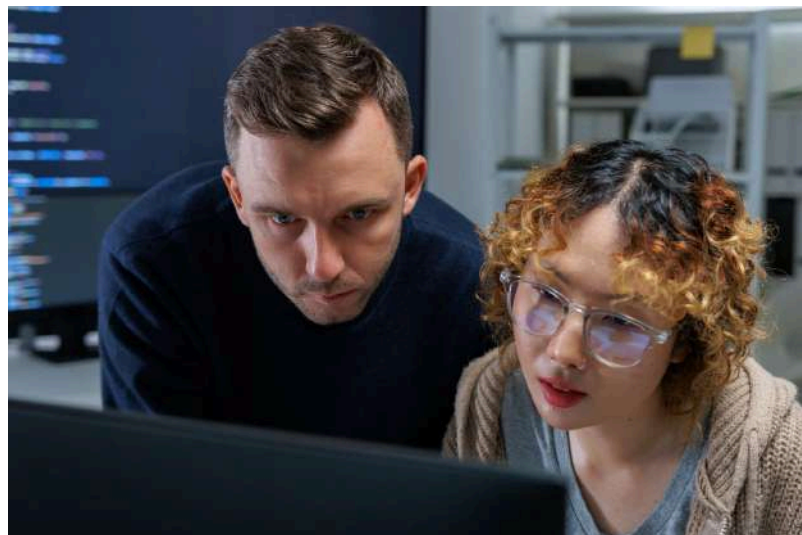
A inteligência artificial não é inimiga. Mas também não é neutra.

Ela pode ser uma ferramenta de crescimento ou um acelerador de desigualdade. Tudo depende de quem tem acesso e de como ela é usada.

O mundo está mudando rápido.

E a pergunta que fica não é se a tecnologia vai avançar.

É quem vai conseguir avançar junto com ela.



# Educação pública vs. realidade:

ONDE FALTA ESTRUTURA,  
SOBRA RESISTÊNCIA

EDIÇÃO MARÇO 2026

**“A escola pública não falta talento... falta investimento.”**

**A educação pública no Brasil é, ao mesmo tempo, uma das maiores expressões de desigualdade e uma das mais potentes provas de resistência do país.**

**Dentro de uma mesma sala de aula convivem sonhos imensos e limitações estruturais profundas.**

**É nesse contraste que se revela uma verdade incômoda: o problema nunca foi a capacidade de quem aprende ou de quem ensina, mas as condições que são oferecidas.**

**Em muitas escolas, o cenário é conhecido. Salas superlotadas, infraestrutura precária, falta de materiais básicos, calor excessivo, ausência de tecnologia. Professores sobrecarregados, divididos entre múltiplas turmas, jornadas extensas e salários que não refletem a importância da sua função. Ainda assim, todos os dias, a escola abre suas portas.**

E os alunos chegam.

Chegam carregando mais do que mochilas. Chegam com histórias difíceis, muitas vezes marcadas por insegurança alimentar, violência, responsabilidades precoces e ausência de suporte familiar. Para muitos, estudar não é apenas um passo para o futuro, é um ato de resistência no presente. E mesmo assim, eles continuam.

Há algo de profundamente poderoso nisso. Porque permanecer, aprender, tentar, mesmo quando tudo parece desfavorável, não é comum. É coragem.

Os professores também resistem. São eles que, muitas vezes, ultrapassam o papel formal da profissão. Educam, acolhem, orientam, escutam. Compram materiais do próprio bolso, adaptam conteúdos, reinventam estratégias. Fazem do pouco, muito. Fazem do limite, possibilidade.

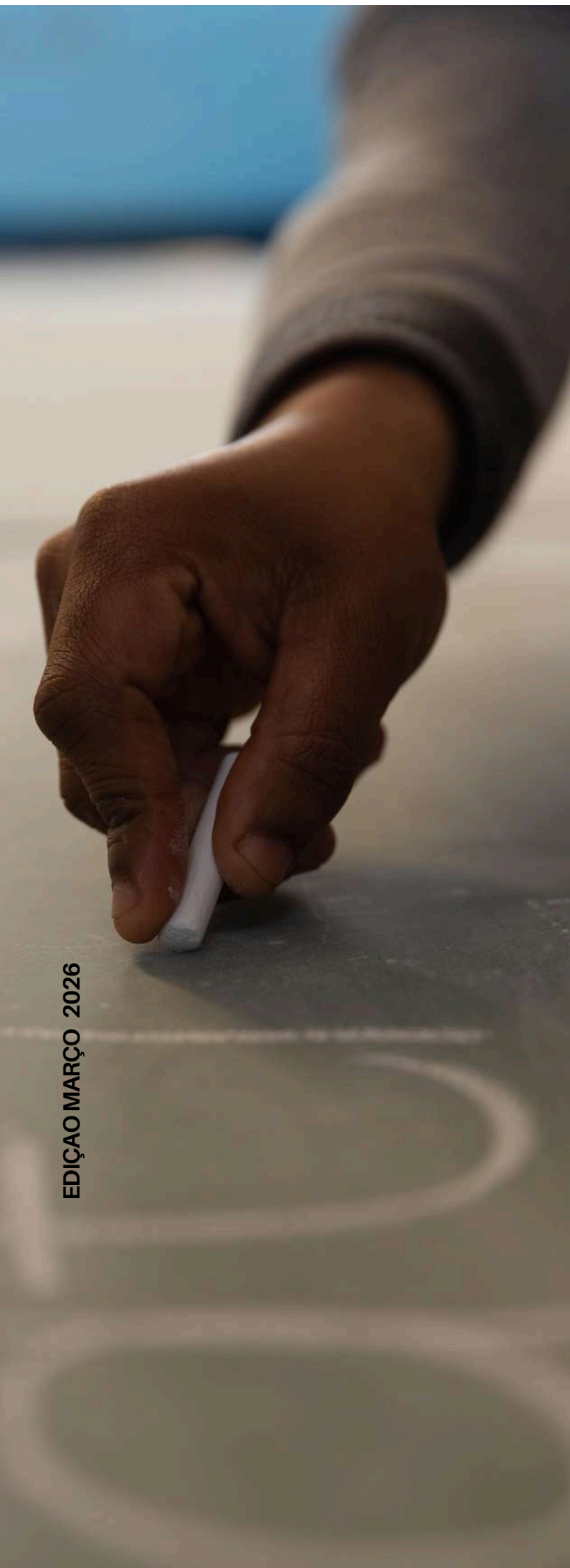
**Mas é preciso dizer com clareza: a resistência não pode ser romantizada.**

Não é justo que o funcionamento da educação pública dependa exclusivamente do esforço individual de professores e alunos.

Não é sustentável que a superação seja a regra. O que deveria existir como direito garantido não pode continuar sendo tratado como conquista extraordinária.

A ausência de investimento adequado, de políticas públicas consistentes e de valorização profissional não apenas limita o presente, mas compromete o futuro de toda uma geração.





Ainda assim, é da escola pública que saem histórias que desafiam estatísticas.

Dela surgem médicos que um dia estudaram sem laboratório.

Artistas que começaram sem acesso à cultura formal.

Líderes que aprenderam a pensar criticamente mesmo em ambientes adversos.

Isso não acontece por acaso. Acontece porque, quando alguém acredita, a educação se transforma em ferramenta de ruptura.

**A escola pública não precisa de milagres.**

**Precisa de estrutura, investimento contínuo, de políticas sérias, de reconhecimento.**

**Que o discurso sobre educação deixe de ser promessa e se torne prioridade.**

**Porque enquanto faltar o básico, o extraordinário continuará sendo exigido de quem já carrega demais.**

**E educar não deveria ser um ato de resistência.**

**Deveria ser um direito pleno, digno e garantido.**

# Jovens sem perspectiva: quando o futuro parece distante

EDIÇÃO MARÇO 2026



**A tecnologia avançou. Mas será que a maturidade acompanhou?**

**Existe uma crítica cada vez mais comum: a ideia de que os jovens de hoje são despreparados, acomodados e demoram mais para assumir responsabilidades como estudar, trabalhar e sair da casa dos pais.**

**Para muitos, essa geração parece mais distraída, menos resiliente e pouco disposta a enfrentar dificuldades.**

**Mas será que essa leitura é completa ou estamos olhando só a superfície?**

**É inegável que houve mudanças de comportamento.**

**Hoje, muitos jovens passam mais tempo em ambientes digitais do que em experiências práticas. Há uma busca maior por conforto, rapidez e resultados imediatos. A tolerância à frustração parece menor e a constância, mais difícil de manter.**

“Também é comum observar:

- Dificuldade em manter rotinas rígidas
- Trocas frequentes de emprego ou curso
- Dependência prolongada da família
- Falta de clareza sobre objetivos

Para quem vem de gerações anteriores, isso pode soar como falta de esforço ou até preguiça.

Mas essa análise, por si só, é incompleta.

A juventude atual não está vivendo no mesmo cenário de décadas atrás.

O custo de vida aumentou drasticamente. Morar sozinho ficou mais caro. O mercado de trabalho exige mais qualificação, mas oferece menos estabilidade. A competição é maior, e as oportunidades, muitas vezes, são mais restritas.

Além disso, existe um fator decisivo: o excesso de informação e pressão.

Hoje, um jovem não compete só com o colega da escola. Ele se compara com o mundo inteiro, todos os dias, através das redes sociais. Isso gera ansiedade, insegurança e uma sensação constante de estar atrasado.

Não é só falta de ação. Muitas vezes, é excesso de pressão.

O que muitas vezes é visto como preguiça pode ser, na verdade, esgotamento mental. Ansiedade, medo de errar, insegurança profissional e falta de perspectiva têm impacto direto na capacidade de agir. Quando tudo parece incerto, a paralisia se torna comum.

Isso não significa que não existam casos de acomodação. Existem, sim. Mas generalizar uma geração inteira ignora a complexidade do momento atual.

### **Por que os jovens demoram mais para sair de casa?**

Esse é um dos pontos mais criticados.

Mas a resposta passa por fatores concretos:

- Aluguel alto
- Baixa renda inicial
- Instabilidade profissional
- Necessidade de qualificação prolongada

Antes, sair de casa era difícil. Hoje, muitas vezes, é quase inviável sem suporte.

A permanência na casa dos pais nem sempre é escolha. Muitas vezes, é estratégia de sobrevivência.

### **O verdadeiro problema: desalinhamento entre expectativa e realidade**

Existe um choque claro entre o que se espera dos jovens e o que o mundo oferece.

Espera-se independência rápida, mas o mercado não garante estabilidade.

Espera-se preparo, mas a educação nem sempre entrega qualidade.

Espera-se maturidade, mas o ambiente é instável e imprevisível.

Esse desalinhamento gera frustração dos dois lados.

Dizer que os jovens são preguiçosos pode ser uma resposta fácil, mas não é uma resposta completa.

Existe, sim, uma geração que precisa desenvolver mais disciplina, foco e responsabilidade. Mas também existe uma realidade mais complexa, onde o caminho para a independência ficou mais longo, mais caro e mais incerto.

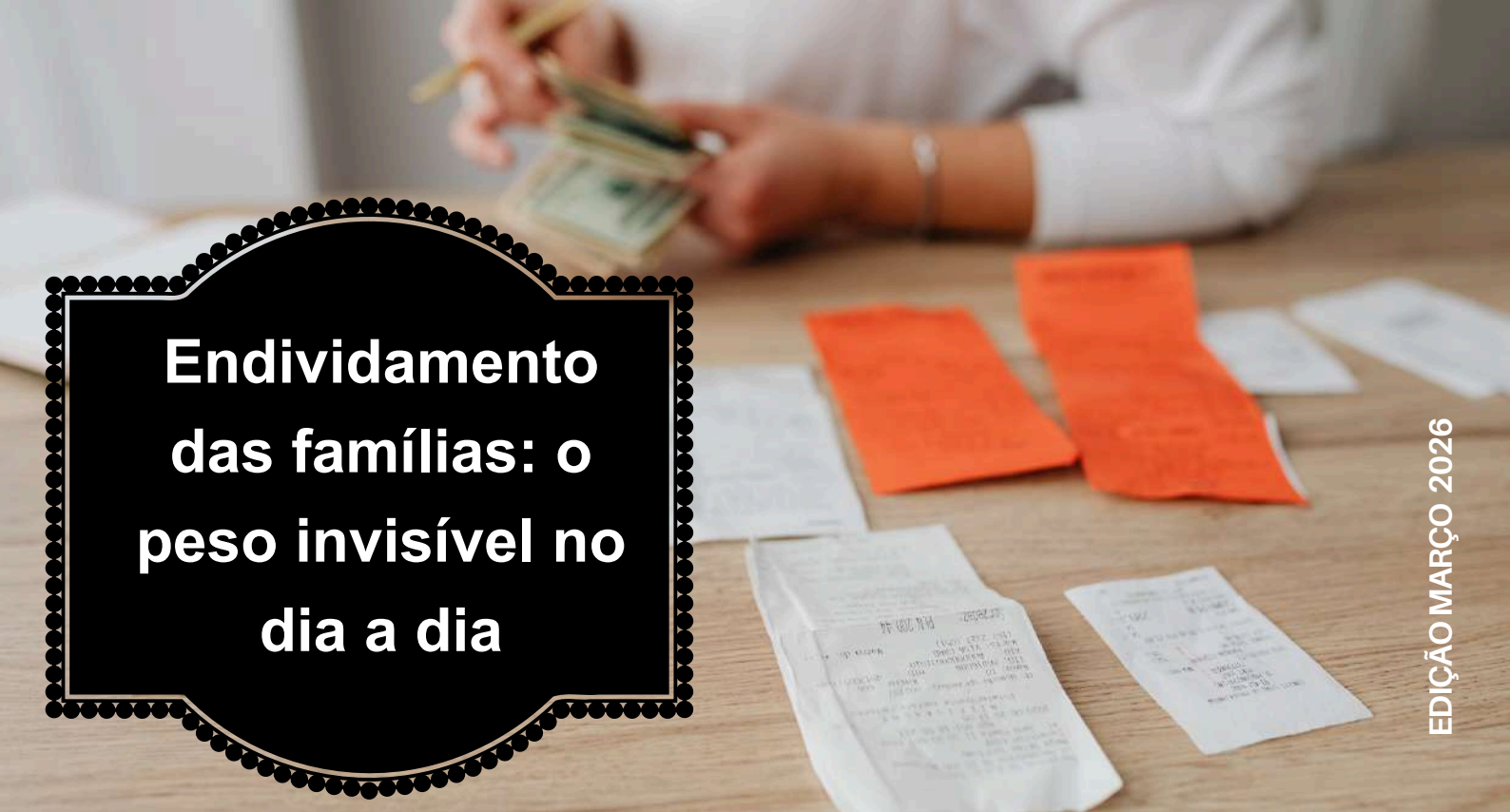
Talvez a pergunta mais importante não seja apenas “o que está errado com os jovens?”, mas:

O que mudou no mundo para que o começo da vida adulta tenha se tornado tão mais difícil?

Porque no fim, não se trata apenas de vontade.

Se trata de contexto, estrutura e oportunidade.





## Endividamento das famílias: o peso invisível no dia a dia

“O boleto não espera, mas o salário não acompanha.”

O endividamento das famílias brasileiras deixou de ser uma situação pontual para se tornar um fenômeno estrutural. Hoje, ele atravessa classes sociais, idades e regiões, revelando não apenas um problema financeiro, mas um retrato profundo das desigualdades e das fragilidades econômicas do país.

Mais do que números, estamos falando de vidas pressionadas diariamente por contas que vencem antes que o dinheiro chegue.

### **Uma realidade que se tornou regra !**

Durante muito tempo, estar endividado era visto como exceção. Hoje, é rotina.

O acesso facilitado ao crédito, somado ao aumento do custo de vida, criou um cenário em que milhões de brasileiros dependem de parcelamentos, cartões e empréstimos para manter o básico. Não se trata mais de consumo supérfluo.

Trata-se de sobrevivência !

Alimentação, moradia, transporte, saúde.

Tudo encareceu.

E a renda, na maioria dos casos, não acompanhou esse aumento.

O resultado é previsível: a conta não fecha.

O endividamento raramente começa com grandes decisões. Ele nasce de pequenas escolhas feitas sob pressão.

Uma compra parcelada aqui.

Um atraso ali.

Um empréstimo para cobrir outro.

Quando essas decisões se acumulam, criam um ciclo difícil de romper.

Os juros elevados ampliam rapidamente o valor da dívida, e o que antes parecia controlável se transforma em um problema constante. A pessoa passa a viver não mais para avançar, mas para tentar equilibrar o passado.

E, muitas vezes, sem sucesso.

Pouco se fala sobre o efeito psicológico do endividamento. Mas ele é profundo.

A dívida não fica apenas no banco. Ela invade a rotina, o sono, os pensamentos.

- Ansiedade constante
- Insônia
- Sensação de fracasso
- Vergonha de falar sobre o assunto
- Medo de cobranças e ligações
- Dificuldade de concentração

O peso emocional é silencioso, mas devastador.

A pessoa deixa de viver o presente porque está presa a um problema que parece não ter solução. Cada decisão passa a ser influenciada pela dívida. Cada plano é adiado. E, aos poucos, a autoestima também é afetada.

Existe uma narrativa comum que coloca toda a responsabilidade no indivíduo. A ideia de que a dívida é sempre resultado de desorganização ou falta de controle.

Mas essa visão ignora fatores importantes.

O Brasil convive com:

- Alta carga tributária sobre consumo
- Juros elevados
- Baixos salários em relação ao custo de vida
- Instabilidade no mercado de trabalho
- 

Nesse contexto, muitas famílias não se endividam por escolha. Se endividam por necessidade.

Isso não elimina a importância da educação financeira. Mas amplia o debate.

Porque não se trata apenas de aprender a administrar melhor. Trata-se de ter condições mínimas para que a administração seja possível.

O endividamento não afeta apenas quem contrai a dívida. Ele impacta toda a família.

Discussões aumentam.

Planos são adiados.

O consumo é reduzido.

O ambiente se torna mais tenso.

Filhos crescem em um cenário de instabilidade.

Relacionamentos são pressionados.

A dívida deixa de ser um problema individual e passa a ser coletivo.

Sair do endividamento não é simples, mas também não é impossível.

Alguns passos são fundamentais:

- Reconhecer a situação sem negação
- Organizar as dívidas por prioridade
- Buscar renegociação
- Evitar novos compromissos enquanto houver dívidas abertas
- Procurar orientação financeira quando possível

Mas, além do esforço individual, é essencial ampliar o acesso à informação, fortalecer políticas públicas e criar mecanismos mais justos de crédito.

O endividamento das famílias brasileiras não pode ser tratado apenas como um problema de números.

Ele é um reflexo direto de uma realidade onde o custo de viver cresce mais rápido do que a capacidade de pagar.

Por trás de cada dívida, existe uma história.

Existe esforço.

Existe tentativa.

Existe cansaço.

E existe, acima de tudo, uma busca por dignidade.

Porque no fim, não se trata apenas de quitar contas.

Se trata de recuperar a tranquilidade de viver sem medo do amanhã.



# CARO, LOTADO E PRECÁRIO

*o desgaste antes da jornada*



**“O trabalhador acorda cedo, pra sofrer antes mesmo de trabalhar.”**

Antes do primeiro café, antes do primeiro e-mail, antes mesmo de começar o expediente, milhões de brasileiros já enfrentaram a parte mais difícil do dia. O deslocamento diário, que deveria ser apenas um trajeto, se transformou em um dos maiores símbolos de desigualdade urbana no país.

Para quem depende do transporte público, a rotina começa no escuro. Acordar de madrugada não é disciplina, é necessidade. É a tentativa de garantir um lugar, nem que seja em pé em ônibus e trens que já chegam cheios.

O tempo gasto no transporte é um dos maiores custos invisíveis da população trabalhadora.

Duas, três, às vezes quatro horas por dia entre ida e volta. Horas que poderiam ser de descanso, estudo, convívio familiar ou simplesmente vida. Mas são consumidas em filas, plataformas lotadas, atrasos e incertezas.

Não é só deslocamento. É desgaste acumulado.

E esse tempo não é igual para todos. Quanto mais distante do centro, maior o trajeto. Quanto menor a renda, maior o tempo perdido.

Viajar espremido, sem espaço, sem conforto e muitas vezes sem segurança não deveria ser normal.

Corpos comprimidos, calor excessivo, falta de ventilação, empurrões, cansaço extremo. Para muitos, esse é o padrão diário.

A superlotação não é apenas desconfortável. Ela é desumana. E ainda assim, é tratada como rotina.

O transporte público pesa no bolso, especialmente para quem ganha menos. Uma parte significativa da renda mensal é destinada apenas para ir e voltar do trabalho. E quando a pessoa precisa de mais de uma condução, o impacto é ainda maior. Ou seja, quem já ganha pouco paga proporcionalmente mais para se locomover.

É o custo de acessar a própria cidade.

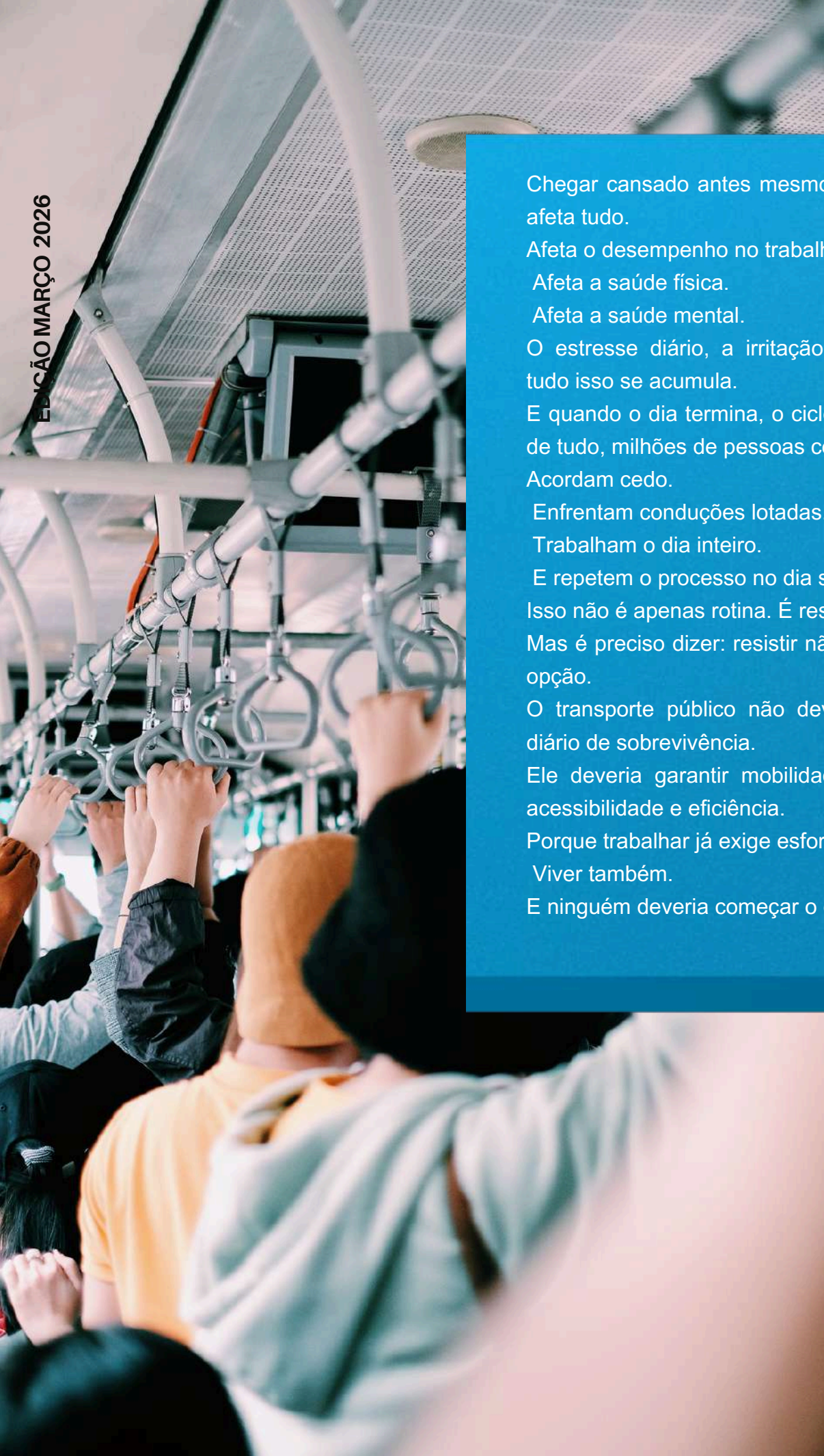
O transporte escancara uma verdade incômoda: a cidade não é pensada para todos da mesma forma.

Enquanto algumas regiões contam com múltiplas opções, conforto e rapidez, outras enfrentam linhas escassas, demora e precariedade.

A distância entre casa e trabalho não é apenas geográfica. É social.

E essa distância cansa.





Chegar cansado antes mesmo de começar o dia afeta tudo.

Afeta o desempenho no trabalho.

Afeta a saúde física.

Afeta a saúde mental.

O estresse diário, a irritação, o esgotamento... tudo isso se acumula.

E quando o dia termina, o ciclo recomeça. Apesar de tudo, milhões de pessoas continuam.

Acordam cedo.

Enfrentam conduções lotadas.

Trabalham o dia inteiro.

E repetem o processo no dia seguinte.

Isso não é apenas rotina. É resistência.

Mas é preciso dizer: resistir não pode ser a única opção.

O transporte público não deveria ser um teste diário de sobrevivência.

Ele deveria garantir mobilidade com dignidade, acessibilidade e eficiência.

Porque trabalhar já exige esforço demais.

Viver também.

E ninguém deveria começar o dia já esgotado.

# EMPREENDEUR

*por necessidade: quando o sonho vira sobrevivência*

EDIÇÃO MARÇO 2026



Nos últimos anos, o Brasil viu crescer o número de pessoas que se tornaram “empreendedoras”. À primeira vista, isso pode parecer sinal de inovação, autonomia e liberdade.

Mas por trás dessa estatística existe uma realidade menos romantizada: muita gente não empreendeu por oportunidade, mas por falta dela. Quando o emprego formal não chega, o empreendedorismo deixa de ser escolha e passa a ser necessidade.

## **Do desemprego à informalidade**

Para milhares de brasileiros, abrir um pequeno negócio, vender comida, trabalhar como ambulante ou prestar serviços por conta própria não nasceu de um plano estruturado. Nasceu da urgência.

Perder o emprego, não conseguir recolocação, precisar sustentar a casa. Esses são os verdadeiros gatilhos.

Sem alternativa, a pessoa cria sua própria forma de renda.

Mas criar renda não significa ter segurança.

## **Empreender sem estrutura**

Diferente do empreendedorismo idealizado, aquele com planejamento, investimento e estratégia, o empreendedor por necessidade começa com o que tem.

E muitas vezes, isso significa:

- Falta de capital inicial
- Ausência de conhecimento técnico
- Pouco ou nenhum acesso a crédito justo
- Instabilidade de renda
- Falta de apoio ou orientação

É o imprevisto virando modelo de negócio. É aprender errando, porque não existe outra opção.





### **Liberdade ou pressão constante?**

Existe um discurso muito forte sobre “ser dono do próprio negócio” como sinônimo de liberdade.

Mas, na prática, para muitos, isso significa:

Trabalhar mais horas

Não ter renda fixa

Não ter férias

Não ter direitos trabalhistas

Viver com incerteza diária

A liberdade existe, mas vem acompanhada de um peso enorme.

O empreendedor por necessidade não pode parar.

Se parar, não ganha.

### **O impacto emocional**

Assim como no endividamento, o impacto não é só financeiro.

Empreender sem estabilidade gera:

- Ansiedade
- Medo constante de não vender
- Pressão para sustentar a família
- Cansaço extremo

É uma rotina onde o esforço é alto, mas a segurança é baixa.

E isso desgasta.

### **A realidade das periferias**

Nas periferias, esse tipo de empreendedorismo é ainda mais comum.

Pequenos comércios, vendas informais, serviços autônomos... são alternativas que surgem onde o emprego formal não chega.

Mas essas iniciativas, muitas vezes, não recebem apoio, incentivo ou visibilidade.

Mesmo sendo fundamentais para a economia local, seguem à margem.

### **Entre romantização e realidade**

É importante reconhecer a força de quem empreende por necessidade.

Mas também é essencial não romantizar.

Nem todo mundo que empreende está realizando um sonho.

Muitos estão apenas tentando sobreviver com dignidade.

Valorizar essas pessoas é fundamental.

Mas oferecer estrutura, acesso e oportunidade é ainda mais.



Se o empreendedorismo continuar sendo a única saída para muitos, ele precisa ser acompanhado de suporte real:

- Acesso a crédito com juros justos
- Capacitação e formação
- Políticas públicas de incentivo
- Redes de apoio e fortalecimento local

Porque esforço sem estrutura vira desgaste. E talento sem oportunidade vira luta constante.



O Brasil é um país de empreendedores. Mas também é um país de sobreviventes. Por trás de cada barraca, cada entrega, cada produto vendido, existe uma história de coragem, necessidade e persistência. Empreender, para muitos, não é sobre crescer.

É sobre não desistir.

E isso, por si só, já diz muito sobre a realidade que vivemos.





A Associação Oribel é uma Organização da Sociedade Civil (OSC) que atua em âmbito nacional, criada em 2023 com o objetivo de fortalecer e viabilizar iniciativas e organizações sociais, culturais e ambientais que não possuem formalização jurídica, porém contam com ideias e projetos inovadores e que fazem a diferença na vida das pessoas e nas comunidades em que atuam.

Buscamos Promover a ética, a paz, a cidadania, os direitos humanos e democracia. Acreditamos que, por meio de nossas ações, podemos fazer a diferença na vida de muitas pessoas e contribuir para uma sociedade mais justa e igualitária.

Visamos viabilizar projetos que prestam assistência integral à criança e ao adolescente, ao idoso, às pessoas com deficiência, às mulheres, às pessoas negras e à população LGBTQIA+, sem distinção alguma de raça, cor, condição social, credo político ou religioso, visando a integração familiar e social dos assistidos.


Atuar na defesa e promoção da livre orientação sexual e da livre identidade de expressão e gênero das pessoas LGBTQIA+, colaborando com organizações do setor privado, público e do terceiro setor na criação de projetos alinhados às políticas públicas de incentivo a manifestações culturais.


Promovemos a inserção no mercado de trabalho, medidas de atendimentos humanizados, medidas de segurança pública e medidas de saúde pública desta população.


Trabalhamos formando parcerias e alianças com estas organizações, possibilitando a estruturação de seus projetos e ideias com o intuito de viabilizar a captação de recursos financeiros através de programas governamentais e leis de incentivo, bem como conectando pessoas físicas e jurídicas a estas iniciativas através de doações.


Além disso, atuamos provendo apoio, treinamento e orientação administrativa, técnica, legal e contábil aos idealizadores destas organizações, para que tenham uma gestão eficiente dos recursos captados e uma comunicação segura com seu público.


Junte-se a nós nesta missão. Juntos, podemos fazer a diferença.


 <https://oribel.org.br>

 (21) 9 7286-0452

 ASSOCIAÇÃO ORIBEL

 CONTATO@ORIBEL.ORG.BR

 @ORIBEL.ONG

 @ORIBEL.ONG  
@ORIBEL.ONG.RIO

*Ajude*  
NOSSOS PROJETOS  
CHAVE PIX

Associação Oribel

